

ALGUMAS PERSPECTIVAS SOBRE A HISTÓRIA NA FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

JOÃO VICTOR CARVALHO SIMÕES¹

RESUMO

Neste artigo, serão investigadas algumas perspectivas referentes à história - tanto a ontológica quanto a disciplina científica - que aparecem na ficção de Machado de Assis. O intuito é utilizar a obra do romancista brasileiro para conhecer as visões que se tinha da história no Brasil do século XIX. Para tanto, procurou-se na produção ficcional de Machado de Assis passagens em que os personagens ou narradores expressassem suas visões acerca do assunto. O resultado foi o encontro de quatro óticas principais. Em seguida, buscou-se em outros documentos e pesquisas de outros autores a origem de cada ótica e o papel que ela assumia dentro do contexto das obras machadianas – isto é, o Brasil oitocentista. Enfim, pode-se concluir que Machado de Assis escrevia para que a posteridade conhecesse a sociedade brasileira da época; ao exprimir quatro visões da história, sua intenção era dar à posteridade detalhes daquela sociedade.

Palavras-chave: História; perspectivas; Século XIX.

ABSTRACT

In this article, we investigate some perspectives on history - both ontological and scientific - that appears in Machado de Assis's fiction. Our intention is to use the work of the Brazilian novelist to know how history was conceived in 19th century Brazil. To this end, we sought out in the fictional production of Machado de Assis passages in which the characters or narrators expressed their views on the subject. The result was the meeting of four main optics. Then, we sought in other documents and research from other authors the origin of each view and the role it assumed within the context of the Machadian works - that is, the 19th century Brazil. Finally, we can be concluded that Machado de Assis wrote so that posterity knew Brazilian society at the time; by expressing four visions of history, his intention was to give posterity a glimpse of that society.

Keywords: History; perspectives; 19th century.

¹ Graduando em História pela universidade Federal de Sergipe, e-mail para contato jeff-face_theslayer@live.com

INTRODUÇÃO

As obras machadianas desde há muito tem sido objeto de excelentes estudos em diversas áreas, como a sociologia e a psicologia. A História insere-se neste rol de disciplinas às quais Machado de Assis tem algo a oferecer. Inclusive, o próprio autor já deixou claro, em um momento, que escrevia também para posteriormente servir de fonte histórica; quando pintava a sociedade brasileira do século XIX, com suas peculiaridades, conscientemente deixava documentos para os futuros historiadores².

Uma reflexão machadiana pertinente aos historiadores diz respeito às concepções de história que existiam no Brasil oitocentista, sejam referentes ao seu caráter ontológico, ou referentes às suas funções. Com frequência as personagens de Machado de Assis, às vezes de modo explícito, outras implicitamente, apresentavam seus pontos de vista acerca da História.

Este é um recurso comumente utilizado por Machado de Assis para expor reflexões – o perspectivismo, ou ainda a polifonia, a multiplicidade de vozes. Com ele, o autor apresenta ideias em várias dimensões, contendo igualmente várias possibilidades de interpretação.

Graças a esse recurso, Machado de Assis pôde duas coisas: manter-se à parte, distante das ideias expostas, para permanecer imparcial, e permitir que cada voz e possibilidade de pensamento pudessem se manifestar.

Na qualidade de fonte histórica, a obra machadiana, por causa da multiplicidade de perspectivas apresentadas, é bastante rica. Ela nos faz conhecer uma época em todas as suas dimensões. Não é simplista e nos engana oferecendo um período histórico homogêneo, mas nos dá esse período com a complexidade e heterogeneidade que ele certamente deveria possuir.

Assim, neste artigo, examinaremos quatro perspectivas sobre a História expostas por algumas personagens de Machado de Assis, bem como suas precedências e significados dentro do contexto tratado pela ficção do autor brasileiro. As quatro perspectivas em análise são: a história enquanto mestra da vida, a história enquanto memória dos heróis, a história como um saber elevado e a história como um estudo árido e difícil.

² “...Mas deixai pingar os anos na cuba de um século. Cheio o século, passa o livro a documento histórico, psicológico, anedótico. Não de lê-lo a frio; estudar-se-á nele a vida íntima do nosso tempo, a maneira de amar, a de compor os ministérios e deitá-los abaixo, se as mulheres eram mais animosas que dissimuladas, como é que se faziam eleições e galanteios, se eram usados xales ou capas, que veículos tínhamos, se os relógios eram trazidos à direita ou à esquerda, e multidão de coisas interessantes para a nossa história pública e íntima.” (ASSIS, Machado de. Eterno! In: _____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 548.)

A HISTÓRIA COMO COLETÂNEA DE EXEMPLOS OU MESTRA DA VIDA

Vários personagens da ficção machadiana concebem a história como coletânea de exemplos morais. Para eles, seria possível obter do conhecimento histórico modelos positivos e negativos de conduta. Esses modelos poderiam ser tanto imitados, se positivos, quanto evitados, se negativos; ou mesmo aquele que conhecesse história poderia servir-se dos exemplos para usar como argumentos em defesa de teorias, em tese, científicas.

Bentinho, personagem principal e narrador do romance *Dom Casmurro*, decidiu se matar. Antes de fazê-lo, porém, lembrou-se da história romana. Mais especificamente do suicídio de Catão, que antes de se matar leu um livro de Platão. Bentinho, para tomar coragem, resolveu imitá-lo e pegou um livro de Plutarco para ler. Desse modo, a história ofereceu a Bentinho um exemplo de suicídio que ele poderia imitar para agir mais facilmente³.

No romance *Esaú e Jacó*, é Aires, antigo diplomata e conselheiro, quem manifesta esse caráter de coleção de exemplos da história. Para ele, existem pessoas de índole nobre, cujos exemplos podem ser achados na história⁴.

Outro personagem que expressa essa visão encontra-se no conto *O alienista*. Simão Bacamarte, grande médico e cientista, havia elaborado uma teoria psicológica. Segundo sua teoria, a insânia seria um problema extremamente comum. Para prová-la, encontrou exemplos de diversos tipos de loucura na história e em Itaguaí. A história serviu-lhe, assim, como elenco de exemplos⁵.

³ “[...] Até lá, não tendo esquecido de todo a minha história romana, lembrou-me que Catão, antes de se matar, leu e releu um livro de Platão. Não tinha comigo Platão; mas um tomo truncado de Plutarco, em que era narrada a vida do célebre romano, bastou-me a ocupar aquele pouco tempo, e, para em tudo imitá-lo, estirei-me no canapé. Nem era só imitá-lo nisso; tinha a necessidade de inculcar em mim a coragem dele, assim como ele precisara dos sentimentos do filósofo, para intrepidamente morrer.” (ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 625.)

⁴ “[...] Há exceções, nobres algumas, outras nobilíssimas. A história guarda muitas delas, e os poetas, épicos e trágicos, estão cheios de casos e modelos de abnegação.” (ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 163.)

⁵ “[...] Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí [...] Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas.” (ASSIS, Machado de. *O alienista*. In: _____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 237.)

Porfírio, personagem de *A parasita azul*, nos dá outra passagem. Convidado para um fazer um discurso pós-sobremesa, comemorando um casamento, Porfírio diz que não procurará na história o que era o casamento nos primeiros tempos da humanidade. Ele ainda chama a história de “mestra da vida”⁶.

Analisemos isso.

Quem primeiro chamou a história de mestra da vida foi o filósofo latino Cícero. Queria ele dizer que a história ensina as pessoas a se conduzirem em suas vidas por meio dos exemplos do passado. De modo bastante sutil, Porfírio revela sua visão da história como um conjunto de exemplos.

A história como coletânea de exemplos ou como mestra da vida é uma visão que predominou no Ocidente por muito tempo. Como Reinhart Koselleck explica em seu livro *Futuro Passado*, por dois mil anos a história foi uma espécie de escola que ensinava sabedoria e prudência a partir dos relatos das experiências alheia⁷.

Ora, tal função pôde ser atribuída à história devido à maneira como se compreendeu a natureza humana durante esses dois milênios. Para os defensores da história como mestra da vida, nossa espécie seria dotada de uma natureza imutável⁸.

Desse modo, os fatores humanos que causaram um acontecimento no passado, continuando existindo, voltariam a causar, senão o mesmo acontecimento, no mínimo um muito semelhante. Por isso os indivíduos poderiam consultar a história, para buscar situações análogas as que se encontram, e então agir conforme o modelo antigo, se este obteve sucesso, ou evitar suas atitudes, caso não tenha obtido sucesso algum.

Dessa maneira pensava Tucídides, o inaugurador de tal forma de conceber a história (Cícero foi o responsável por lhe dar o específico epíteto de mestra da vida). Tucídides acreditava que os acontecimentos históricos eram causados por fatores puramente humanos.

⁶ “— Minhas senhoras! meus senhores! disse Porfírio; não irei esquadrinhar no âmago da história, essa mestra da vida, o que era o himeneu nas priscas eras da humanidade. Seria lançar a luva do escárnio às faces imaculadas desta brilhante reunião.” (ASSIS, Machado de. As bodas de Luís Duarte. In: _____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 180.)

⁷ “Assim a história seria um cadinho contendo múltiplas experiências alheias, das quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico [...] Assim, ao longo de cerca de 2 mil anos, a história teve o papel de uma escola, na qual se podia aprender a ser sábio e prudente sem incorrer em grandes erros.” (KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. In: _____. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 43.)

⁸ “[...] Até o século XVIII, o emprego da nossa expressão [*Historia Magistra Vitae*, mestra da vida] permanece como indício inquestionável da constância da natureza humana, cujas histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas.” (Ibid. p. 43.)

Por conseguinte, sua obra *História da Guerra do Peloponeso* é marcada pelo exame psicológico dos agentes históricos, em busca das paixões e aspectos elementares da natureza humana, como a ambição e a hipocrisia⁹.

Da análise da Guerra do Peloponeso, fundamentando-se na imutabilidade da natureza humana, Tucídides pretendia oferecer à posteridade lições para casos semelhantes¹⁰. Ou seja, a utilidade de seu livro seria fornecer à posteridade a compreensão de uma guerra civil, para que a posteridade soubesse reconhecer os casos análogos e saber como agir diante deles¹¹.

Segundo Jérôme Baschet, a historiografia medieval também estava calcada na concepção de história mestra da vida. Sua função era, então, nesse período, o ensinamento edificante através dos exemplos do passado¹².

No Renascimento, Maquiavel foi um dos maiores apólogos desta visão. Como explica José Luiz Amens, o filósofo florentino era obcecado por política. Sua atividade intelectual era voltada para a busca dos fatores elementares da política. Maquiavel queria, assim, compreender esses fatores para deles extrair o máximo de lições possíveis, que norteariam a ação política¹³.

Para compreender tais fatores, ele recomendava e utilizava a história, procurando exemplos tanto de condutas vitoriosas quanto de condutas perdedoras. Com o conhecimento de ambas e um posicionamento crítico que reconheceria circunstâncias e estabeleceria regras gerais¹⁴, segundo Maquiavel, seria possível conduzir-se na política tal como a situação em que o indivíduo se encontraria exigiria que se conduzisse¹⁵.

⁹ DOSSE, François. **A história**. Bauru: EDUSC, 2003, p. 22.

¹⁰ “[...] Tucídides confere, pois, a sua obra de historiador uma virtude pedagógica em matéria política e, a esse título, ele definiu uma função que conhecerá grande futuro: a das lições da história. Tucídides pretende tirar ensinamentos, para as gerações futuras, do declínio do império ateniense que ele constata e define sua obra em ruptura com o caráter lúdico da obra literária”. (Ibid. p. 23.)

¹¹ “[...] quem quer que deseje ter uma ideia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em consequência de seu conteúdo humano, julgará a minha história útil e isto me bastará”. (TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 200, p. 14-15.)

¹² “[...] Os objetivos conferidos ao conhecimento histórico limitam igualmente o seu alcance: ele deve ensinar e edificar (e, acessoriamente, divertir), quer dizer, servir de exemplo.” (BASCHET, Jérôme. A escritura da história. In: BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006, p. 326.)

¹³ AMES, José Luiz. Maquiavel. In: LOPES, Marco Antonio (org.). **Ideias de história**: tradição e inovação de Maquiavel a Herder. Londrina: EDUEL, 2007, p. 21.

¹⁴ Ibid. p. 22.

¹⁵ “Ler obras de história e nelas atentar para as ações dos homens ilustres, ver como eles se conduziram nas guerras e caminhar as causas de suas vitórias e derrotas, a fim de evitar estas e imitar aquelas; mas sobretudo fazer como no passado fizeram alguns homens excelentes, que se puseram a imitar aqueles que, antes deles,

Mas, em meados do século XVIII, a história começou a não mais ser considerada a mestra da vida, perdendo seu valor educativo. Reinhart Koselleck dá quatro sintomas dessa mudança. O primeiro diz respeito à transformação que ocorreu na língua alemã por essa época. A palavra *Historie*, estrangeira, e que significava o relato ou a narrativa do acontecimento, além designar as ciências históricas, foi substituída por *Geschichte*¹⁶.

Geschichte, por sua vez, significava o evento em si, ou uma série de ações cometidas ou sofridas. Ela se referia menos ao relato do que ao próprio acontecimento. Como a noção da história como mestra da vida estava ligada ao conceito de *Historie*, a mudança conceitual que trocou *Historie* por *Geschichte* provocou o declínio dessa visão¹⁷.

O segundo sintoma refere-se à transformação que o próprio conceito de *Geschichte* sofre em seu significado. Passou a significar a história em si e para si. Essa alteração fez com que o conceito englobasse todas as histórias particulares, referidas no plural, dentro de uma única história, referida no singular¹⁸.

A narrativa dessa história singular deveria possuir a unidade épica das obras literárias, sobretudo do romance. O conjunto desordenado das ações humanas deveria ser narrado de tal forma que fosse possível encontrar nessas ações um fio condutor que estabelecesse a coerências entre elas. O conjunto desordenado transformar-se-ia, portanto, num sistema racional¹⁹.

Deste modo, o propósito da narrativa história já não era mais oferecer exemplos de conduta, porém, encontrar nas várias histórias particulares o elemento que conectaria todas em uma história universal, coerente como um sistema racional²⁰.

O terceiro foi o aparecimento da filosofia da história. Esta separou a história da Natureza, além de descobrir a existência de temporalidades não relacionadas e estabelecidas pela cronologia natural: seriam as temporalidades históricas. O progresso foi o primeiro

foram louvados e glorificados, conservando perto de si seus gestos e ações, como se diz que Alexandre Magno imitava Aquiles; César, Alexandre; Cipião, Ciro.” (MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 96.)

¹⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. In: _____. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 48 – 49.

¹⁷ *Ibid.* p. 48 – 49.

¹⁸ *Ibid.* p. 49 – 53.

¹⁹ *Ibid.* p. 49 – 53.

²⁰ *Ibid.* p. 49 – 53.

produto dessa descoberta. Como consequência, ocorreu a separação do passado para com o futuro²¹.

A partir deste último indício chega-se ao quarto, que foi a aversão iluminista ao passado. Para os filósofos do Iluminismo, o passado era algo a ser superado, em nome de um futuro que deveria ser criado mediante o progresso das sociedades. Se muitas vezes antes do século XVIII, predominou no Ocidente o regime de historicidade passadista, pode-se dizer que, nesse período, o futurismo substituiu-o²².

A história *magistra vitae* teria, portanto, caído em desuso em meados do século XVIII. Por que as personagens da ficção machadiana, na medida em que a consideramos uma fonte histórica, permaneceram utilizando-a? O historiador Rodrigo Turin pode nos dar uma resposta.

Turin analisou as revistas do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860, além dos textos produzidos pelos sócios do instituto. Sua pesquisa levou-o a concluir que os homens ligados ao IHGB, conhecedores da produção cultural clássica, embora tentasse produzir uma história moderna da nação, ainda se baseavam nos modelos antigos.

Assim, apesar das tentativas de modernização da história, velhos modelos não foram necessariamente excluídos. A história *magistra vitae* teria sobrevivido então porque havia ainda questões que os modelos modernos não responderiam, ou porque havia sido reapropriada dentro dos novos modelos, adquirindo novas funcionalidades devido ao surgimento de novas questões²³.

Em todo caso, segundo Turin, não se encontram nos documentos do IHGB que ele analisou um posicionamento único da instituição em relação aos antigos. Pelo contrário, os posicionamentos achados por ele foram:

- 1) críticas históricas (e historicistas) à autoridade dos *antigos*, 2) seu uso enquanto modelo de emulação (seja para ações, seja para a própria prática de escrita da história nacional), 3) os *antigos* enquanto figuras de autoridade argumentativa, 4) seu uso enquanto termos de comparação com as sociedades indígenas; ou, ainda, 5) sua invocação

²¹ Ibid. p. 53 – 56.

²² Ibid. p. 54 – 60.

²³ TURIN, Rodrigo. Os antigos e a nação: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860). L'Atelier du Centre de recherches historiques. 07 de abril de 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/acrh/3748>>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

para *tipificar* e/ou *dignificar/heroicizar* figuras de vulto da história brasileira²⁴.

Esta constatação interessa-nos na medida em que os indivíduos ligados ao IHGB faziam parte da elite culta brasileira do século XIX. Fora do instituto, esses indivíduos pertenceriam ao mesmo contexto social das personagens machadianas; um contexto de homens cultos, no qual as ideias não estavam ausentes.

A HISTÓRIA COMO UM SABER ELEVADO OU INDISPENSÁVEL

Outra perspectiva que aparece em algumas passagens é a da história como um saber prestigiado. Em tais passagens, o saber historiográfico seria elevado, quando não um saber próprio das elites e das pessoas eruditas, ou mesmo sendo necessário para a ascensão social.

Por exemplo, no conto *Miss Dolar!*, o narrador nos conta que Mendonça era um indivíduo agradável, que sabia “entreter damas”. Uma de suas qualidades, segundo a descrição, era conseguir conversar com senhoras quando elas fossem incapazes ou não quisessem prosar sobre assuntos elevados. Um desses assuntos elevados seria a história. Ao classificá-la assim, o narrador revela o alto valor que se atribuía à história²⁵.

Em outra passagem, no conto *Um erradio*, nos é apresentada a personagem D. Jacinta. Seu marido a ensinava latim e história, embora ela soubesse também trabalhos de mão. A contraposição da história ao trabalho manual não é desprovida de significado. O trabalho manual foi historicamente relegado às classes subalternas. Por conseguinte, a história, contraposta a ele, torna-se um saber elitista, como que sofisticado²⁶.

No conto *Luís Soares*, o tio de Luís Soares, um fazendeiro rico, recomenda-o a realização de algumas tarefas que alavancarão sua carreira política. Uma dessas tarefas era

²⁴ Ibid.

²⁵ “Era difícil deixar de o fazer. Mendonça, conquanto não fosse dado à convivência das salas, era um cavalheiro próprio para entreter duas senhoras que pareciam mortalmente aborrecidas. O médico sabia piano e tocava agradavelmente; a sua conversa era animada; sabia esses mil nada que entretêm geralmente as senhoras quando elas não gostam ou não podem entrar no terreno elevado da arte, da história e da filosofia. Não foi difícil ao rapaz estabelecer intimidade com a família.” (ASSIS, Machado de. *Miss Dolar!*. In: ____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 21.)

²⁶ “[...] D. Jacinta era um primor. Não imaginas a graça que tinha em falar e andar, tudo sem perder a compostura dos modos nem a gravidade dos pensamentos. Sabia muitos trabalhos de mãos, apesar do latim e da história que o marido lhe ensinava.” (ASSIS, Machado de. *Um erradio*. In: ____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 541.)

estudar a história do parlamento e do governo brasileiros. Por conseguinte, o saber historiográfico seria indispensável para sua ascensão social²⁷.

Em *Teoria do Medalhão*, um pai dá conselhos ao filho para que o jovem seja socialmente bem sucedido. Um dos conselhos diz para usar com frequência a expressão “Filosofia da História”. Todavia, o rapaz não deveria concluir nada de novo, limitando-se a repetir as ideias já pensadas por outros indivíduos²⁸.

No romance *Dom Casmurro*, há duas passagens que ilustram a visão da história como saber indispensável. Na primeira, Bentinho conta sobre as curiosidades de Capitu. Ela queria saber tudo, inclusive a história. José Dias informava-a sobre episódios históricos, com o que sentia orgulho de si mesmo. De acordo com o narrador, era “certo orgulho de erudito”. Portanto, saber história assinalaria erudição²⁹.

A segunda passagem aparece quando Bentinho e Capitu já estão casados. Conta ele que vez ou outra a ensinava a história da cidade (Rio de Janeiro) e um pouco de astronomia. Capitu às vezes cochilava. No entanto, para nós o relevante é o fato de Bentinho achar que é importante ensinar história para ela³⁰.

No romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Brás Cubas, o narrador personagem, comenta seus estudos. Um dos seus objetos de estudo foi a história. Dela, como dos outros objetos, diz ele que tirou a mesma coisa: a ornamentação. Embora não levasse o estudo da história a sério, seu comentário conota que fingir sabê-la deixava-o com aparências de indivíduo sofisticado³¹.

²⁷ “— Pois eu verei se te posso arranjar isto, respondeu o tio. O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente é preciso que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.” (ASSIS, Machado de. Luís Soares. In: ____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 35.)

²⁸ “— Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. “Filosofia da história”, por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.” (ASSIS, Machado de. *Teoria do Medalhão*. In: ____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 266.)

²⁹ “[...] Lia os nossos romances, folheava os nossos livros de gravuras, querendo saber das ruínas, das pessoas, das campanhas, o nome, a história, o lugar. José Dias dava-lhe essas notícias com certo orgulho de erudito.” (ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: ____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 488.)

³⁰ “[...] Às vezes, eu contava a Capitu a história da cidade, outras dava-lhe notícias de astronomia; notícias de amador que ela escutava atenta e curiosa, nem sempre tanto que não cochilasse um pouco.” (ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: ____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 589.)

³¹ “[...] Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação...” (ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: ____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 69.)

Nota-se que com frequência na ficção machadiana as personagens estão associando o saber histórico à sofisticação cultural ou mesmo às classes sociais mais altas. A associação tem raiz sociológica. A imensa maioria da população brasileira no século XIX era analfabeta. A minoria alfabetizada dizia respeito às camadas médias e altas da sociedade.

O comentário relativo é, neste sentido, bastante revelador. Nele faz-se uma oposição entre saber latim e história e saber trabalhos de mãos. Se se sabendo realizar trabalhos manuais não se deveria saber história, fica que boa parte da massa da população que trabalhava com as mãos, como os escravos, libertos e brancos pobres, desconhecia as produções dessa disciplina.

A oposição entre o trabalho manual e o conhecimento historiográfico aumenta se considerarmos o caráter da historiografia oitocentista. Esta se caracterizava também pelo culto aos heróis. Mas somente seriam considerados heróis aqueles pouquíssimos homens que supostamente haviam realizado grandes feitos, conduzindo a nação ao progresso.

Quanto àquela enorme quantidade de pessoas cujas vidas nunca saíram do sincrônico, que nunca tiveram preocupações maiores que as relativas à vida doméstica, ela estava excluída. Desse modo, a historiografia oitocentista era produzida pela elite, tratava da elite e era destinada à elite.

Por isso seria de suma importância para algumas personagens, como vimos, saber história, tendo em vista sua ascensão social. Compreendida como um saber próprio da elite, a história não deixava de atribuir prestígio a quem a possuísse. Note-se como o tio de Luís Soares não informa como o sobrinho poderia utilizar o conhecimento histórico que adquiriu.

Devido à ausência dessa informação, uma interpretação possível para a passagem é que, na sociedade brasileira do século XIX, conhecer história encontraria sua utilidade em si mesmo. Muito provavelmente por causa do prestígio que esse conhecimento agregaria ao possuidor.

Um recurso largamente usado por Machado de Assis para apresentar a visão aqui em análise foi a ironia. Com frequência o autor faz uso dela para eliminar de uma ideia os adornos com que se gostaria que ela viesse exposta. A ironia reduz a ideia ao que lhe é elementar.

Dessa forma, através das palavras de Brás Cubas, ficamos sabendo que o importante não seria necessariamente possuir o conhecimento histórico, porém, apenas parecer possuí-lo. Razão pela qual Brás Cubas colheu da história, como das outras disciplinas que estudou, somente a ornamentação – o que, exibida, bastaria para torna-lo prestigiado nos meios sociais, podemos interpretar.

A crítica às aparências é algo comum na ficção machadiana. Segundo Giovana Caires Motta, “a análise das obras de Machado de Assis nos faz refletir acerca do modo peculiar com que ele organiza a sua crítica à sociedade brasileira do século XIX”³². Uma parte da crítica machadiana àquela sociedade diz respeito ao seu sistema de aparências. Nesse sistema, seria preciso “não se fixar em uma única ideia, nem desenvolver um pensamento próprio, mas se adequar a um sistema vigente e se modelar conforme o sentido da via”³³.

Daí o porquê de Brás Cubas não ter colhido da história mais que sua ornamentação; na sociedade, bastaria fingir sabê-la. A recomendação que o pai faz ao filho, no conto *Teoria do Medalhão*, parte da constatação desse mesmo aspecto da sociedade brasileira oitocentista: o contentamento com as aparências. Nenhuma preocupação com correspondência entre o parecer e o ser, ou, neste caso, entre o parecer saber e o de fato saber.

A HISTÓRIA COMO MEMORIAL DOS HOMENS

Para vários personagens da ficção machadiana, a história existiria para preservar a memórias dos grandes, que também podemos chamar de heróis. De acordo com eles, a história teria com função essencial fazer com que os homens permanecessem conhecidos pela posteridade, evitando que seus feitos caíssem na obscuridade, ao serem esquecidos.

Vejamos isso.

Mendonça, personagem do conto *Miss Dolar!*, possui uma coleção de cães. A cada um deles deu o nome de um indivíduo ilustre da história: César, Calígula, Diógenes, dentre outros. Estar em meio à companhia desses nomes consagrados fazia-o sentir-se entrando para a história. Ao associar o nome de personagens notáveis com a entrada para a história,

³² MOTTA, Giovana Caires. Ao abrigo da dissimulação: a crítica machadiana e o mundo das aparências. **Literafro**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/28-critica-de-autores-masculinos/1015-ao-abrigo-da-dissimulacao-a-critica-machadiana-e-o-mundo-das-aparencias-giovana-caires-motta>. Último acesso em: 04 de fevereiro de 2020.

³³ Ibid.

Mendonça revela que visão tem desta; para ele, a história é algo que consagra os indivíduos no tempo³⁴.

Outro personagem, Brás Cubas, no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, também enfatiza esse caráter consagratório da história. Segundo Brás Cubas, a história seria uma “eterna loureira”. Ele remete ao costume da Antiguidade Clássica de pôr louros nos heróis e campões para consagrá-los como tal. A história, portanto, na qualidade de eterna loureira, estaria sempre consagrando os heróis³⁵.

Já no romance *Memorial de Aires*, o personagem Tristão troca o Brasil por Portugal. Segundo Aires, o motivo por que ele fez isso foi o desejo de se ver nas páginas da história. Seduzia-o a glória de ser um homem consagrado pelo tempo³⁶.

Por outro lado, no romance *Helena*, enfatizou-se o caráter obscurecedor da história. O personagem Estácio diz que alguns espíritos possuem grandes ambições, mas a outros, pequenas coisas já os satisfazem. Segundo ele, estes indivíduos de poucas e pequenas ambições não serão mencionados em nenhuma das páginas da história. Permanecerão, portanto, obscuros. Mas, apesar disso, Estácio considera-os mais felizes que os indivíduos de grandes ambições que foram consagrados pela história³⁷.

No conto *Viver!*, o personagem Ahasverus também enfatiza o caráter obscurecedor da história. Ahasverus é um judeu que foi amaldiçoado a viver até o fim dos tempos. Assim, conta ele que enquanto o tempo e a história se dissolviam, a memória dos heróis ia se

³⁴ “A coleção de cães era uma verdadeira galeria de homens ilustres. O mais estimado deles chamava-se *Diógenes*; havia um galgo que acudia ao nome de *César*; um cão d’água que se chamava *Nelson*; *Cornélia* chamava-se uma cadelinha rateira, e *Calígula* um enorme cão de fila, vera-efígie do grande monstro que a sociedade romana produziu. Quando se achava entre toda essa gente, ilustre por diferentes títulos, dizia Mendonça que entrava na história; era assim que se esquecia do resto do mundo.” (ASSIS, Machado de. *Miss Dolar!*. In: _____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 19.)

³⁵ “[...] mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira.” (ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 28.)

³⁶ “[...] Acrescento-lhe a carreira política, a visão do poder, o clamor da fama, as primeiras provas de uma página da história, lidas já de longe por ele, e acho natural e fácil que Tristão trocasse uma terra por outra.” (ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 277.)

³⁷ “[...] A uns é necessário o horizonte vasto, a elevada montanha, de cujo cimo batem as asas e sobem a encarar o sol; outros contentam-se com algumas longas braças de espaço e um telhado em que vão esconder o ninho. Estes eram os obscuros, e, na opinião dele, os mais felizes. Não seduzem as vistas, não subjagam os homens, não os menciona a História em suas páginas luminosas ou sombrias; o vão do telhado em que abrigaram a prole, a árvore em que pousaram, são as testemunhas únicas e passageiras da felicidade de alguns dias.” (ASSIS, Machado de. *Helena*. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 265.)

apagando. Ou seja, a memória dos grandes homens estaria associada à existência da história; à medida que a história foi desaparecendo, esses homens foram caindo na obscuridade³⁸.

Cada personagem, ao seu modo, associou a história à memória dos grandes homens, ou heróis. Tal forma de compreender a história remota a Homero. Nos clássicos versos de aberturas de suas epopeias, que depois serviriam de modelos para início de outras epopeias, Homero apresenta os temas de que as obras tratarão. Tais temas são sempre os feitos ou acontecimentos grandiosos relacionados a um herói. Na *Iliada*, Homero invoca as musas para poder cantar a ira de Aquiles³⁹; na *Odisseia*, as errâncias de Odisseu após a Guerra de Tróia para retornar a Ítaca⁴⁰. Com isso, o propósito dos cantos de Homero era a imortalização dos heróis através da preservação dos seus feitos na memória coletiva⁴¹.

Heródoto, o primeiro historiador, é continuador dessa tradição que remota a Homero. Ele inicia sua *História* com a justificativa de que a escreveu para “evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas”⁴².

Ela ainda permaneceu em voga nos tempos posteriores, alcançando o século XIX, e tendo em Thomas Carlyle seu maior defensor. Certamente que as concepções do escocês não correspondiam completamente às de Heródoto; poder-se-ia dizer que era a mesma ideia básica, mas dotada das particularidades do autor e sua época.

Como nos explica Débora El-Jaick Andrade, para Carlyle, a história da humanidade equivaleria à biografia dos grandes homens, os quais seriam aqueles que transformariam as sociedades tanto material quanto espiritualmente⁴³. Esses homens seriam os heróis.

Segundo Carlyle, explica-nos Andrade, existiriam 6 tipos de heróis⁴⁴. O primeiro tipo seria o pagão, representado por Odin, um homem que foi chefe e professor, e depois foi tornado deus pelo povo em que atuou⁴⁵. O segundo encontraria em Maomé seu representante;

³⁸ “Com o volver dos tempos, esquecia-se tudo; os heróis dissipavam-se em mitos, na penumbra, ao longe; e a história ia caindo aos pedaços, não lhe ficando mais que duas ou três feições vagas e remotas.” (ASSIS, Machado de. Viver!. In: _____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 514.)

³⁹ HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004, p. 25.

⁴⁰ HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 11.

⁴¹ BITTENCOURT, R. N. A conduta dos heróis na épica de Homero. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 103, p. 117, 5 dez. 2009.

⁴² HERÓDOTO. *Histórias*. eBooksBrasil, 2006, p. 30.

⁴³ EL-JAICK ANDRADE, D. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. **Revista História & Perspectivas**, v. 1, n. 35, 6 dez. 2007, p. 228.

⁴⁴ *Ibid.* p. 232.

⁴⁵ *Ibid.* p. 232.

ele foi responsável por levar uma nova religião aos bárbaros, porém, bravos árabes, atuando mais através da espada que do convencimento⁴⁶. O terceiro tipo seria o dos poetas, exemplificado por Dante e Shakespeare, indivíduos que teriam enxergado a verdade do universo e a cantado para a humanidade⁴⁷. O quarto pertenceria aos reformadores, como Lutero, e sua missão seria destruir falsidades⁴⁸. O quinto aos homens de letras, como Rousseau, responsáveis por guiar a humanidade através de seus escritos⁴⁹. Enfim, o sexto tipo seria o dos reis, cujos poderes teriam sido estabelecidos não por meio de convenções humanas, nem herdados, mas através do mérito individual, como no caso de Napoleão⁵⁰.

Para a autora, as ideias do escocês sobre os heróis não eram idiossincráticas dele, mas estavam em consonância com a historiografia oitocentista, “que privilegiava o relato das ações dos grandes heróis nacionais, reis, presidentes, imperadores, generais, papas, etc”⁵¹.

O romancista russo Tolstói confirma a constatação de Débora Andrade. Como ele escreve no comentário sobre seu romance *Guerra e paz*, diferenciando o trabalho do artista para o trabalho dos historiadores, estes se preocupavam apenas com as pessoas que tiveram alguma colaboração nos eventos, em face de algum objetivo⁵². Ou seja, somente os indivíduos cujas ações tiveram supostamente uma influência direta para determinar o rumo dos acontecimentos, rumo esse ligado a um objetivo, eram considerados pela historiografia.

A tendência que Tolstói enxerga nos historiógrafos de seu tempo está em perfeito acordo com as ideias expostas por Carlyle sobre os heróis. Também para Carlyle os heróis seriam aqueles cujas ações determinariam os eventos e conduziriam a humanidade a uma meta.

O Brasil oitocentista não ficou alheio a esse modo de pensar. De acordo com Raquel Campos, em seu artigo sobre o posicionamento de Machado de Assis em relação ao culto dos

⁴⁶ Ibid. p. 232.

⁴⁷ Ibid. p. 232-233.

⁴⁸ Ibid. p. 233.

⁴⁹ Ibid. p. 233-234.

⁵⁰ Ibid. p. 234-235.

⁵¹ Ibid. p. 229.

⁵² TOLSTÓI, Liev. Algumas palavras sobre o livro. In: TOLSTÓI, Liev. **Guerra e Paz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 1458. v. 2.

heróis, os membros do IHGB consideravam que a função do instituto era manter lembrados os nomes importantes da história brasileira⁵³.

Aliás, não somente função do instituto, como, na verdade, função da própria historiografia. A finalidade do historiador seria relatar os feitos dignos de serem lembrados daqueles grandes homens que conduziram a sociedade brasileira ao futuro. Por conta de tais feitos, seria injusto que esses indivíduos fossem esquecidos.

Esta visão da história tem por finalidade, desse modo, a construção e a preservação da memória dos grandes homens⁵⁴.

Mas outro aspecto dessa visão é seu caráter exclusivista, sobretudo no contexto social do Brasil na segunda metade do século XIX. Por um lado, porque se exclui toda uma gama de personagens que não mereceriam ser lembrados devido ao fato de haverem realizado grandes feitos. Por outro lado, porque o alto índice de analfabetos no Brasil da época impedia o contato direto da maior parte da população com a historiografia responsável pela memória dos heróis.

Segundo o Recenseamento de 1872, dentre a população adulta total de 8.419.672 de pessoas, 6.856.594 eram analfabetos – em porcentagem, 81,43% da população adulta. Dentre 4.318.699 homens adultos, 3.306.602 eram analfabetos; dentre 4.100.973 mulheres adultas, 3.549.992 não sabiam ler e escrever. Respectivamente 76,56% e 86,56%⁵⁵. Logo, uma história de poucos e para poucos.

A HISTÓRIA COMO ESTUDO ÁRIDO E DIFÍCIL

Inúmeros personagens da ficção machadiana enfatizam o caráter seco e dificultoso da historiografia. Ou seja, as obras de história aparecem desprovidas de atrativos estéticos. Antes, os historiadores deverão enfrentar laboriosas pesquisas. Na obra ficcional, falas de diversos personagens ressaltam esse caráter da história.

Investiguemos isso.

⁵³ CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. **Machado de Assis, um herege na religião dos heróis**. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/40_RaquelCampos_MachadoDeAssis.pdf. Último acesso em: 17 de fevereiro de 2020, p. 7.

⁵⁴ Ibid. p. 7.

⁵⁵ RECENSEAMENTO Geral do Brazil em 1872. **IBGE**, Rio de Janeiro, p. 3, 1874(?). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf>. Acesso em: 07 de janeiro de 2020.

Bento Santiago, para fugir à monotonia, quis escrever algum livro. Cogitou vários assuntos; porém, para todos faltaram “as forças necessárias”⁵⁶. Decidiu-se, enfim, por uma *História dos Subúrbios*. Apesar de ser obra modesta, necessitava de intensa pesquisa. “Tudo árido e longo”⁵⁷, diz ele. Bentinho, portanto, enfatiza o caráter dificultoso da pesquisa histórica⁵⁸.

Outro personagem, Paulo, do livro *Esau e Jacó*, exemplifica bem essa visão da atividade historiográfica. Como nos conta Aires, o narrador, Paulo andava ocupado. Ele não comparecia às reuniões sociais às quais seria normal e até esperado que comparecesse. A razão disso, dita pelo próprio Paulo, é que ele planejava escrever uma pesquisa acerca das terras possuídas. Para isso, ocupava-se consultando fontes do século XVIII na Biblioteca Nacional. Desse modo, a pesquisa privava-o dos prazeres sociais⁵⁹.

Enfim, Jorge, personagem de *Iaiá Garcia*, também nos oferece um exemplo da história como estudo árido e difícil. Jorge dividia sua vida entre dois polos: estudo e sociedade, esta ficando com menor parcela. Ele se dedicava a estudos e projetos. Um dos que cogitou foi uma história da guerra. Acabou por desistir do empreendimento, porém, devido ao muito trabalho que teria com consulta de documentos e organização das datas⁶⁰.

Os três casos citados portam dois elementos comuns. O primeiro é que os personagens que irão escrever história não são historiadores de formação: Bentinho, Paulo e Jorge eram os três formados em Direito. Mas isto não poderia ser diferente. Os cursos superiores na área de história no Brasil surgiram apenas na primeira metade do século XX.

Especificando, os dois primeiros cursos de ensino superior brasileiros na área de História datam de 1934, ofertado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da

⁵⁶ ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 445.

⁵⁷ Ibid. p. 445.

⁵⁸ “Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo.” (Ibid. p. 445.)

⁵⁹ “Paulo explicou-se. Não ia praticar a advocacia, mas precisava de consultar certos documentos do século XVIII na Biblioteca Nacional; ia escrever uma história das terras possuídas.” (ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 172.)

⁶⁰ “A vida de Jorge foi então dividida entre o estudo e a sociedade, à qual cabia somente uma parte mínima. Estudava muito e projetava ainda mais. Delineou várias obras durante algumas semanas. A primeira foi uma história da guerra, que deixou por mão, desde que encarou de frente o monte de documentos que teria de compulsar, e as numerosas datas que seria obrigado a coligir.” (ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. In: _____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 441.)

Universidade de São Paulo, e 1935, ofertado pela Universidade do Distrito Federal⁶¹. Antes disso, os historiógrafos ou tinham formação em outras áreas, ou não tinham nenhuma, sendo autodidatas.

Mesmo nossos principais historiógrafos, os autores clássicos, não tinha formação historiográfica. Capistrano de Abreu foi autodidata⁶²; Euclides da Cunha teve formação militar, obtendo também o bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais⁶³; Gilberto Freyre formou-se primeiro em Artes Liberais e depois em Ciências Políticas⁶⁴; Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior formaram-se em Direito⁶⁵.

Em termos de século XIX, a ausência de cursos superiores de História não era uma especificidade brasileira. Na maior parte da Europa e Estados Unidos, eles só começam surgir já na segunda metade desse século⁶⁷. Por exemplo, na França, segundo Antonie Prost, não havia profissionais da história antes da década de 1880⁶⁸.

⁶¹ “Os primeiros cursos superiores de História no Brasil foram institucionalizados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, e pela Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935, que mais tarde (1939) seria reestruturado na Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.” (SILVA, Norma Lucia da; FERREIRA, Marieta de Moraes. **OS CAMINHOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR DE HISTÓRIA**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/11242/10010>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020. P. 286.)

⁶² GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu. **BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-nacional-200-anos/os-personagens/capistrano-de-abreu/>. Último acesso em: 06 de março de 2020.

⁶³ Euclides da Cunha: biografia. **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia>. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

⁶⁴ TUNA, Gustavo Henrique. Apêndice 1 – Biobibliografia de Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto: **Casa-grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o da economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006, p. 644-645.

⁶⁵ Sérgio Buarque de Holanda. **FGV CPDOC**. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/sergio_buarque_de_holanda. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

⁶⁶ Caio Prado Júnior. **FGV CPDOC**. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/caio_prado_junior. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

⁶⁷ “A institucionalização da História como disciplina universitária ocorreu na maioria dos países da Europa e nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX e no início do século XX, quando, segundo Noiriél (NOIRIEL, 1990), o ensino superior torna-se um elemento central para a promoção social dos indivíduos, para a afirmação nacional, para a formação das elites e para o progresso científico e econômico.” (SILVA, Norma Lucia da; FERREIRA, Marieta de Moraes. **OS CAMINHOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR DE HISTÓRIA**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/11242/10010>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020. P. 284.)

⁶⁸ PROST, Antonie. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 33.

Os historiadores de antes eram amadores, não por causa de seu pouco mérito, já que muitos possuíam talento, e alguns possuíam gênio, mas porque não existia a profissão⁶⁹. Ademais, a produção intelectual desses historiadores pendia menos para a ciência do que para a literatura, motivo pelo qual seus sucessores criticavam-nos⁷⁰.

Somente após a tomada de poder pelos republicanos, na década de 1870, tem início o processo reformista que ao mesmo tempo profissionalizará e tornará científica a historiografia francesa, tendo por modelo a alemã⁷¹.

No caso britânico, de acordo com Hober Alves Lopes, os três historiadores representativos da historiografia seriam Thomas Carlyle (1795-1881), Thomas Babington Macaulay (1800-1859) e Henry Thomas Buckle (1822-1862)⁷². Aqueles dois defendiam e praticavam uma historiografia influenciada pela literatura romântica alemã; já Henry Buckle era influenciado pelo positivismo de Auguste Comte (1798-1857)⁷³.

Essa historiografia amadora britânica era marcada por duas características principais: primeiro, a fronteira pouco nítida entre a história e a literatura, de modo que se valorizava também a dimensão estética da narrativa; segundo, a maneira de interpretar a história enxergando esta como um processo linear e progressivo, glorificando o presente e considerando os elementos do passado a partir das intenções da própria historiografia⁷⁴.

Ainda, segundo Hober Lopes, o momento que demarca o início da profissionalização da historiografia britânica é a publicação do periódico inglês *The English Historical Review* em 1866⁷⁵. No plano temático, essa nova produção histórica britânica é caracterizada pela centralidade dos aspectos políticos e religiosos. No plano metodológico, pela busca da imparcialidade, associada ao desejado “espírito científico”. No plano do público alvo, pelo direcionamento bifurcado, procurando-se oferecer uma produção que interessasse tanto ao público especializado quanto ao público leigo, porém culto⁷⁶.

⁶⁹ “Anteriormente, havia amadores – muitas vezes, de talento; e, às vezes, de gênio -, mas não uma profissão, ou seja, uma coletividade organizada com suas regras, seus rituais de reconhecimento e suas carreiras.” (Ibid., p. 33.)

⁷⁰ Ibid. p. 24.

⁷¹ Ibid. p. 34.

⁷² LOPES, Hober Alves. A historiografia “amadora”: Thomas Carlyle, Thomas Macaulay e o positivismo de Henry Thomas Buckle. In: _____. **A formação do campo filosófico e histórico no final do século XIX e a historiografia filosófica inglesa: mind review (1883-1922)**.

⁷³ Ibid. p. 81.

⁷⁴ Ibid. p. 82.

⁷⁵ Ibid. p. 94.

⁷⁶ Ibid. p. 94.

Já na Alemanha – Prússia, na época -, a profissionalização da historiografia ocorreu mais cedo. De acordo com Payen Pascal, isto se deveu à renovação das universidades prussianas após a derrocada de Napoleão⁷⁷.

O segundo elemento diz respeito ao fato de que, para eles, as dificuldades da pesquisa histórica restringem-se à heurística.

Por um lado, a grande preocupação com a heurística era uma das marcas da historiografia oitocentista. No século XIX, foi bastante comum a busca sistemática pelas fontes. Nas diversas nações, inúmeros documentos foram compilados nas chamadas *Monumenta Historica*, dentre as quais a mais famosa é a *Monumenta Germaniae Historica* da Alemanha.

Também o mundo de língua portuguesa tem as suas: em Portugal, Alexandre Herculano de Carvalho elaborou a *Portugaliae Monumenta Historica*; no Brasil, mas já no século XX, o português Serafim Leite compilou a *Monumenta Brasiliae*.

Ademais, historiadores oitocentistas de grande porte, por exemplo, Michelet⁷⁸, Coulanges⁷⁹ e Ranke⁸⁰, orgulhavam-se de serem grandes pesquisadores.

Por outro lado, as personagens não mencionam nada relativo às outras etapas da pesquisa histórica, como a crítica das fontes, ou a questões teóricas. Suas palavras dão indícios de que, para eles, a pesquisa histórica resume-se, primeiro, à heurística, e, segundo, ao resumo do que foi encontrado nos documentos.

⁷⁷ PAYEN, P. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 4, n. 6, p. 112-113, 22 maio 2011.

⁷⁸ “Mais uma vez, Michelet defende seu trabalho nos arquivos, primeiro em Paris e depois em Nantes, e procura se escudar das críticas, destacando seu perfil como pesquisador; era nos documentos que buscava certezas da história, e não nas veleidades dos homens.” (SCHWARCZ, Lilia Moritz. Jules Michelet. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 95.)

⁷⁹ “Contudo, paradoxalmente, Fustel foi reconhecido também pelo seu talento como autor, como literato, condição que ele procurava relativizar com insistência: ‘eu lhes peço que, quando escreverem alguma coisa sobre mim, não empreguem a palavra talento e nenhuma outra parecida; eu sou um simples trabalhador, um puro pesquisador’”. (CEZAR, Temístocles. Fustel de Coulanges. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 316-317.)

⁸⁰ “Em Berlim, despertou-se a insaciável curiosidade arquivística de Ranke, que se via como um Colombo da história. O meio universitário franqueou-lhe os arquivos. Passou a dedicar-se ao estudo e à pesquisa de fontes primárias - não somente em território prussiano - e a desdenhar daqueles historiadores que ainda se valiam de memórias, anais ou obras bibliográficas já existentes para produzir trabalhos.” (BENTIVOGLIO, Julio. Leopold von Ranke. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 135.)

Por conseguinte, poder-se-ia dizer que se trata de uma concepção de uma historiografia restrita ao mais simples factualismo. Nesse ponto, Bentinho, Paulo e Jorge distanciam-se dos grandes historiadores daquele século; eles não somente não eram profissionais, como estavam carregados de concepções de senso comum acerca do trabalho historiográfico.

CONCLUSÃO

Como vimos, Machado de Assis esboça, através das suas personagens, quatro visões da história que eram comuns na sociedade brasileira do século XIX. Fazia parte do trabalho de alguém que, visionariamente, escrevia para servir de fonte para os historiadores do futuro, deixar alguns registros das maneiras como os indivíduos de sua época compreendiam a história.

Assim, primeiramente Machado de Assis nos documenta a presença da concepção da história como mestra da vida no Brasil oitocentista. Esta surgiu na Antiguidade e foi dominante no Ocidente até o século XVIII, quando várias razões contribuíram para sua derrocada. No Brasil, todavia, ainda durante os oitocentos ela permanecia norteando os sócios do IHGB.

Em segundo lugar, a visão da história um saber indispensável naquela sociedade, devido ao alto valor que demonstrar sabê-la agregava. No entanto, mais importante do que conhecê-la, era fingir conhecê-la, apenas parecer que possuía seu conhecimento.

Depois, foi estudada a história como um memorial dos grandes homens. Concepção que igualmente remonta à Antiguidade, mais especificamente a Heródoto e no século XIX encontrou em Carlyle seu grande apólogo.

No Brasil oitocentista entendia-se que a função da História seria, juntamente com fornecer exemplos, preservar a memória dos grandes homens que teriam feito algo importante em favor da pátria, sendo, por isso, heróis. Percebemos que essa visão está associada a um forte elitismo, tanto porque excluía as pessoas comuns de sua narrativa, quanto porque, em face da alta taxa de analfabetos naquela época, apenas quem pertencesse à elite poderia ter acesso à historiografia guiada por esse pensamento.

Enfim, vimos como os historiadores brasileiros oitocentistas eram amadores. Mas isto não constituía uma excepcionalidade brasileira, posto que na maior parte dos países europeus, como França e Inglaterra, e nos Estados Unidos, a profissionalização da história só ocorreu no

fim do XIX. O amadorismo historiográfico era, por assim dizer, a regra, durante a maior parte do século. Ademais, por causa em parte desse amadorismo, havia uma visão da atividade historiográfica demasiadamente limitada.

Ademais, sabe-se, através das palavras do próprio Machado de Assis que ele escrevia visando fornecer à posteridade dados da sociedade brasileira oitocentista. Portanto, conectando o fato de que as visões da história presentes em sua obra estavam inseridas naquele contexto, com a sua intenção de servir de documento histórico, conclui-se que também nesse caso Machado informava os tempos futuros sobre como pensava o Brasil do século XIX.

REFERÊNCIAS

AMES, José Luiz. Maquiavel. In: LOPES, Marco Antonio (org.). **Ideias de história**: tradição e inovação de Maquiavel a Herder. Londrina: EDUEL, 2007.

ASSIS, Machado de. A parasita azul. In:____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In:____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ASSIS, Machado de. Esau e Jacó. In:____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ASSIS, Machado de. Helena. In:____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ASSIS, Machado de. Iaiá Garcia. In:____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ASSIS, Machado de. Luís Soares. In:____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. Memorial de Aires. In:____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In:____. **Todos os romances e contos consagrados**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ASSIS, Machado de. Miss Dolar!. In:____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. O alienista. In:____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. Teoria do Medalhão. In:____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. Um errádio. In:____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. Viver!. In:____. **Obra Completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BASCHET, Jérôme. A escritura da história. In: _____. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BITTENCOURT, R. N. A conduta dos heróis na épica de Homero. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 103, p. 114-123, 5 dez. 2009.

Caio Prado Júnior. **FGV CPDOC**. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/caio_prado_junior. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. **Machado de Assis, um herege na religião dos heróis**. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/40_RaquelCampos_MachadoDeAssis.pdf>. Último acesso em: 17 de fevereiro de 2020.

DOSSE, François. **A história**. Bauru: EDUSC, 2003.

Euclides da Cunha: biografia. **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia>. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

EL-JAICK ANDRADE, D. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. **Revista História & Perspectivas**, v. 1, n. 35, 6 dez. 2007.

GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu. **BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-nacional-200-anos/os-personagens/capistrano-de-abreu/>. Último acesso em: 06 de março de 2020.

HERÓDOTO. **Histórias**. eBooksBrasil, 2006.

HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Editora 34, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. Historia Magistra Vitae. In: _____. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LOPES, H. A. **A Formação do campo filosófico e histórico no final do século XIX e a historiografia filosófica**: Mind Review (1883-1922) [manuscrito] / Hober Alves Lopes. - 2015.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MALERBA, Jurandir. **Lições de história**: o caminho da ciência ao longo do século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MOTTA, Giovana Caires. Ao abrigo da dissimulação: a crítica machadiana e o mundo das aparências. **Literafro**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/28-critica-de-autores-masculinos/1015-ao-abrigo-da-dissimulacao-a-critica-machadiana-e-o-mundo-das-aparencias-giovana-caires-motta>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2020.

PAYEN, P. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 4, n. 6, p. 103-122, 22 maio 2011.

RECENSEAMENTO Geral do Brazil em 1872. **IBGE**, Rio de Janeiro, p. 3, 1874(?). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf. Acesso em: 07 de janeiro de 2020.

Sérgio Buarque de Holanda. **FGV CPDOC**. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/sergio_buarque_de_holanda. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

TOLSTÓI, Liev. Algumas palavras sobre o livro. In: TOLSTÓI, Liev. **Guerra e Paz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 1458. v. 2.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

TUNA, Gustavo Henrique. Apêndice 1 – Biobibliografia de Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto: **Casa-grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o da economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

TURIN, Rodrigo. Os antigos e a nação: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860). *L'Atelier du Centre de recherches historiques*. 07 de abril de 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/acrh/3748>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.